

A pulsão de onipotência e seus destinos

*Diogo Barros Bogéa*¹

Resumo: Empreende-se nesse artigo a tentativa de compreender as bases psíquicas do autoritarismo político contemporâneo. Através dos conceitos freudianos de “pulsão de poder” (*Bemächtigungstrieb*) e projeção, oferecemos uma hipótese para o inquietante fenômeno contemporâneo da adoração a líderes autoritários.

Palavra-chave: Projeção – Pulsão de poder – Fantasia de Onipotência – Autoritarismo

The omnipotence drive and its vicissitudes

Abstract: This article attempts to understand the psychic bases of contemporary political authoritarianism. Through the Freudian concepts of “power drive” (*Bemächtigungstrieb*) and projection, we offer a hypothesis for the disturbing contemporary phenomenon of the worship of authoritarian leaders.

Keywords: Projection – Power drive – Omnipotence fantasy – Authoritarianism

¹ Professor Adjunto de Filosofia e Psicanálise na Faculdade de Educação da UERJ.

O curioso mecanismo da projeção

Em 1896 os irmãos Lumière realizaram em Paris, pela primeira vez na história, a exibição de um filme para uma audiência. Tratava-se de um filme de aproximadamente um minuto chamado “A chegada de um trem à estação de La Ciotat” (*L’arrivée d’un train em gare de La Ciotat*). O título é autoexplicativo: a audiência acompanhou atônita à filmagem de um trem que chegava à estação. Conta-se que muitos levantaram-se de seus assentos exasperados e fugiram como se o trem estivesse realmente vindo em sua direção. Mas, como sabemos nós, depois de muitas sessões de cinemas a mais, tratava-se apenas de uma projeção.

A projeção é um mecanismo curioso. Envolve um feixe de luz que parte de trás do nosso campo de visão e faz crer que as imagens projetadas na tela à nossa frente estão realmente ocorrendo lá, diante dos nossos olhos. Mesmo hoje, por mais acostumados que estejamos às sessões de cinema, para que possamos nos envolver de alguma maneira com o filme é preciso que, ainda que não com a mesma ingenuidade daquela primeira plateia francesa, acreditemos em algum nível que a ação está se desenrolando à nossa frente, naquele mundo que parece se expandir indefinidamente para além da tela. Caso queiramos nos ocupar da origem da projeção e nos viremos para trás, encarando o projetor, veremos a fonte do feixe de luz, mas nada saberemos sobre o filme que se desenrola na janela mágica que é a tela.

Apenas um ano antes da primeira projeção cinematográfica, Freud esboçava a “projeção” como conceito psicanalítico em suas cartas para Fliess. Na ocasião ele relata o caso de uma “solteirona não muito jovem” que sofria de delírios paranoicos que a convenciam de que as vizinhas viviam a recriminá-la supondo que teve um noivado desfeito e agora desperdiçava seus dias esperando o retorno do homem. Ocorre que a família da moça alugara um quarto para um colega de trabalho. Numa certa ocasião, ao entrar no quarto do rapaz, este a teria assediado, expondo o próprio pênis e o colocando na mão da mulher. Nos anos seguintes à partida do rapaz, ela desenvolveu esse delírio paranoico em que as vizinhas constantemente a recriminavam.

Segundo a narrativa de Freud, o mais provável é que a lembrança do ocorrido tenha provocado excitação na senhora e isso tenha entrado em conflito com as convicções morais instaladas em seu aparelho psíquico e que provocavam fortes julgamentos de autorrecriminação. Diante do conflito insustentável entre a excitação e a autorrecriminação, a recriminação moralista foi *projetada* para o exterior, na figura das vizinhas.

Passou então a ouvir essa mesma reprimenda vinda de fora. Portanto, o conteúdo factual permaneceu inalterado; o que se alterou, porém, foi algo no posicionamento da coisa toda. Antes, tratava-se de uma auto-recriminação interna, e agora era uma imputação vinda de fora: as pessoas diziam aquilo que, de outra maneira, ela diria a si mesma. Havia um lucro a retirar disso. Ela teria sido obrigada a aceitar essa condenação, se proferida de dentro; mas podia rejeitar a que lhe vinha de fora. Desse modo, a condenação, a censura, era mantida longe do ego. A finalidade da paranoia, portanto, é rechaçar uma ideia incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo².

² FREUD, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p. 110.

Na mesma carta, Freud dará vários exemplos de paranoia, cujo meio de instalação é a projeção e cuja causa é um conflito interno de fantasias pulsionais, um conflito interno entre fantasias pulsionais e marcações morais impressas no aparelho psíquico, ou entre fantasias pulsionais e a auto-imagem ideal do eu: o litigante paranoico cujas reivindicações são equivocadas, mas afirma ser vítima do sistema judiciário; a grande nação que não admite a derrota na guerra e cria uma narrativa delirante de traição; o alcoólatra que se recusa a atribuir a própria impotência à bebida e culpa a mulher; o hipocondríaco que imagina estar sendo envenenado; o funcionário que não consegue a promoção desejada por incompetência, mas atribui o fato a uma conspiração na empresa; e a megalomania – que, segundo Freud é talvez o mecanismo mais eficaz para manter a ideia desagradável afastada do eu – então exemplificada por uma senhora solteira que passa a crer que o jovem rapaz da casa em frente está perdidamente apaixonado por ela.

O conteúdo dos exemplos da carta podem ser datados, mas retenhamos a lógica geral, expressa na belíssima frase com que Freud encerra sua enumeração:

Em cada um desses casos, a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, insuportavelmente aflitiva, é rechaçada para longe do ego. Assim, eles amam seus delírios como amam a si mesmos. É esse o segredo³.

O processo se desenrola, então, dessa maneira: há um conflito interno entre fantasias pulsionais divergentes, entre fantasias pulsionais e julgamentos morais impressos na mente, ou entre fantasias pulsionais e a auto-imagem ideal do eu. Se por sua alta intensidade o conflito se torna insustentável, realiza-se a projeção de um dos polos do conflito para o exterior, supondo-se que ele vem, então, realmente de fora. Com isso, produz-se um ganho, um lucro: de estímulos externos pode-se fugir, já contra estímulos internos só se pode tentar escapar mediante intrincados e labirínticos mecanismos de defesa (como a projeção) – sempre, aliás, fadados ao fracasso, já que o sofrimento que se evitou ao rejeitar-se a origem interna da contradição, retornará não raramente redobrado pelos sofrimentos dos delírios paranoicos ou de outro tipo. Como nos lembra Freud, o delírio não se desfaz facilmente, pois a ideia delirante nos protege de uma outra ideia interna que se tornou para nós insuportável, por isso amamos nossos delírios como a nós mesmos. “Esse é o segredo”.

O conflito fundamental

Fazemos a suposição, a partir de indicações dadas pelo próprio Freud, mas pouco exploradas por ele mesmo, de que para além desses conflitos modais com conteúdos distintos, há no nível mais básico do aparelho psíquico um conflito fundamental, intrínseco, inescapável e insolucionável que resulta, ele próprio, em toda a proliferação de projeções delirantes e alucinatórias – tanto aqueles que uma determinada sociedade em um determinado contexto admite como normais, quanto os que classifica como patológicos.

³ FREUD, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p. 112.

A condição humana fundamental real é o *desamparo*. Chegamos ao mundo completamente despreparados. Não sabemos andar, não sabemos falar, não temos nenhuma noção dos rudimentos básicos de autoconservação e autocuidado. Assim, algo que diferencia nossa espécie das demais é “a longa fase de desamparo e dependência do bebê humano”. “A existência intrauterina do ser humano mostra-se relativamente breve, comparada à da maioria dos animais; ele é trazido ao mundo menos ‘pronto’ do que eles”⁴. Freud dirá que este é um fator *biológico* envolvido na “causação das neuroses”⁵.

Brotamos na existência numa situação de absoluto desamparo e por muitos anos seremos extremamente dependentes de alguns indivíduos mais maduros da espécie que terão de dispendar penosas quantidades de tempo e energia para nos manter vivos e minimamente funcionais (sem que se implique com isso qualquer romantização quanto a ideais configurados de “família” ou de algum papel definido da “mãe” ou do “pai”. Trata-se apenas de uma constatação objetiva).

Por muitos anos não saberemos obter alimento, abrigo. E o abismo entre nossos desejos e necessidades, e a coordenação motora básica para realizá-los e supri-las, necessitará de anos de treinos, tentativas e erros para ser suficientemente superado. Nossa espécie, por um qualquer golpe – ou salto – que se chamará, dependendo das circunstâncias, de sorte ou azar, parece não poder contar com uma programação biológica fechada, que se dê como *garantia* de um comportamento ou modo de ser verdadeiramente adequado. É o que o psicanalista MD Magno indica muito bem no capítulo inicial de *O Pato Lógico*:

Quem o ser humano deve reconhecer? Que configuração? Se ele se comportasse como qualquer animal daquele tipo, reconheceria imediatamente alguém da sua espécie, se é que isto existe. E desencadearia seus processos diante dessa configuração. Não seria aquele incompetente, que tange a imbecilidade, que é o bebê humano, quase completamente incompetente; tirante alguns pequenos reflexos, ele está por fora, ou seja, não sabe o que deve fazer, o que deve comer, come caco de vidro, o que pintar. É o chamado "animal livre", come até gilete (...). Essa hesitação constante, esse não saber qual é a sua, parece marcar originariamente o ser humano. O que se pode depreender daí? Sabe-se que o filhote humano é prematuro, que a gestação de nove meses, correta, resulta num filhote com imaturações, os aparelhos não estão todos completos. O sistema nervoso central sofre incompletude. É um ser que já traz em si uma abertura qualquer, uma incompletude, uma falha qualquer, uma falta-a-ser⁶.

Mesmo depois de crescidos, vez por outra as circunstâncias, em seu movimento imparável e inteiramente indiferente à nossa sorte, virão nos lembrar que, por mais que tenhamos aprendido a “nos virar” no mundo, com todos os engenhosos artifícios de que dispomos, nossa condição original segue sendo o desamparo.

⁴ FREUD, *Inibição, sintoma e angústia*, p. 54.

⁵ FREUD, *Inibição, sintoma e angústia*, p. 54.

⁶ MAGNO, *O pato lógico*, p. 20.

No entanto, enquanto nossa situação original real é de desamparo, a situação fundamental do nosso aparelho psíquico parece ser totalmente oposta. Nas *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, Freud nos dá uma preciosa indicação:

o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas. Quando isto aconteceu, tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatoria, tal como ainda acontece hoje com nossos pensamentos oníricos a cada noite. Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do princípio de realidade provou ser um passo momentoso⁷.

Os dois princípios apresentados pelo texto são o princípio de prazer e o princípio de realidade. O princípio de prazer se esforça por obter prazer e evitar o desprazer – em consonância com o princípio de constância que exige um mínimo de perturbação ou um máximo de repouso, e busca evitar aumentos de excitação e tensão. O que nos interessa nessa passagem é a descrição da condição fundamental da mente: diante da perturbação por exigências internas – as pulsões –, o desejado era simplesmente apresentado como fantasia alucinatoria, correspondendo a uma expectativa prévia (inconsciente) de que bastaria imaginar para realizar um desejo. É apenas a ausência da satisfação esperada, isto é, a frustração, que vai se desenvolvendo um “princípio de realidade”, ou seja, uma capacidade de consideração das circunstâncias da realidade, a fim de realizar alterações e intervenções nelas para que possamos realmente realizar desejos e fantasias pulsionais. A suposição de que basta fantasiar para realizar, de fato, um desejo é o que Freud chamou muitas vezes depois de “onipotência de pensamentos”. Chegamos então ao conflito fundamental do aparelho psíquico: embora nossa situação *real* seja de um radical ou abissal desamparo, nossas mentes estão imersas numa *fantasia fundamental de onipotência* – uma fantasia prévia, originária, a partir da qual as demais fantasias de satisfação serão fabricadas.

A Bemächtigungstrieb – uma pulsão originária

A fantasia fundamental de onipotência – que se nota na “onipotência de pensamentos” operante na mente do bebê – corresponderia a qual das pulsões fundamentais da metapsicologia freudiana? À pulsão de autoconservação ou às pulsões sexuais? À pulsão de vida ou à pulsão de morte? Freud a remete ao puro predomínio do princípio de prazer na vida infantil, que será mitigado à medida em que sucessivas frustrações – uma verdadeira pedagogia da frustração – comecem a introduzir pouco a pouco o princípio de realidade.

⁷ FREUD, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, pp. 136-137.

Mas em 1920, como sabemos, Freud apontará um “além” do princípio de prazer. Algo mais fundamental que o princípio de prazer: a *compulsão à repetição* que, reencenando experiências traumáticas desprazerosas – em brincadeiras, sonhos e nas transferências – contraria o até então todo-poderoso princípio de prazer. A compulsão à repetição, por sua vez, corresponderia ao então descoberto “caráter retrógrado” de Eros e Tânatos, as pulsões fundamentais de vida e de morte. Eros se esforçando para reconstruir unidades cada vez maiores num mundo fragmentado em partes individuais, e Tânatos em seu esforço inescapável para reconduzir todo o vivo à quietude do inorgânico.

Porém, Freud deixa entrever – e chega mesmo a indicar – que o que está em jogo na compulsão à repetição – esse “além” do princípio de prazer – é uma outra força, uma outra pulsão: uma *Bemächtigungstrieb* – pulsão de poder, pulsão de apoderamento, pulsão de domínio, pulsão de império, pulsão de poder absoluto (a depender da tradução).

No *fort-da*, a brincadeira do “menino de um ano e meio” que, hoje sabemos, era seu próprio neto, a criança atira para longe um carretel gritando *fort* (foi embora), para em seguida puxá-lo de volta ao som de um *da* (está aqui). Na leitura de Freud, o menino reencena em brincadeira os afastamentos da mãe – registrados pela mente infantil absolutamente narcísica como experiências traumáticas de abandono. Segundo ele, o neto

achava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo. Esses esforços podem ser atribuídos a um instinto [pulsão] de dominação [Bemächtigungstrieb] que atuava independentemente de a lembrança em si mesma ser desagradável ou não⁸.

Ele especula, em seguida, “se o impulso para elaborar na mente alguma experiência de dominação, de modo a tornar-se senhor dela, pode encontrar expressão como um evento primário e independentemente do princípio de prazer”⁹.

O outro exemplo de Freud é o dos sonhos que reencenam eventos traumáticos. O trauma se caracteriza por uma invasão súbita de estímulos desagradáveis sem que o aparelho psíquico tenha tido tempo de esboçar qualquer preparação – aquela ansiedade que reforça as defesas da mente a fim de dominar parcelas dos estímulos desagradáveis vindouros. No trauma, somos pegos de surpresa. Qual poderia ser, então, o motor dos sonhos que insistem em reencenar experiências traumáticas?

Podemos antes supor que aqui os sonhos estão ajudando a executar outra tarefa, a qual deve ser realizada antes que a dominância do princípio de prazer possa mesmo começar. Esses sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática. Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer¹⁰.

⁸ FREUD, *Além do princípio de prazer*, p. 27.

⁹ FREUD, *Além do princípio de prazer*, p. 28.

¹⁰ FREUD, *Além do princípio de prazer*, p. 48.

Trata-se, então, na verdade, de uma fantasia de *poder*. A fantasia de poder construir defesas suficientes para *dominar* os estímulos desagradáveis que invadiram violentamente o aparelho psíquico. O próprio Freud admite em seguida que a tarefa de “dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o”¹¹.

Laplanche e Pontalis nos dão o mapa para as aparições da *Bemächtigungstrieb*¹², a pulsão de poder absoluto, na obra de Freud. Nos *Três Ensaios* de 1905, ela aparece como pulsão “independente” das outras atividades sexuais – podendo-se ligar a elas posteriormente.

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais, ligadas a zonas erógenas, desenvolve-se na criança o componente cruel do instinto sexual. A crueldade tem relação estreita com o caráter infantil, pois o empecilho que faz o instinto de apoderamento se deter ante a dor do outro, a capacidade de compaixão, forma-se relativamente tarde. Como é sabido, ainda não se logrou fazer uma análise psicológica profunda desse instinto; podemos supor que o impulso cruel vem do instinto de apoderamento e surge na vida sexual num período em que os genitais ainda não assumiram o seu papel posterior. Assim, ele domina uma fase da vida sexual que depois descreveremos como organização pré-genital¹³.

Também nos *Três Ensaios*, ela aparece como verdadeiro fundamento da pulsão de saber ou conhecer, que seria apenas uma forma sublimada da pulsão de poder. O mesmo reaparecerá em 1914 no texto *Predisposição à neurose obsessiva*: “Em especial quanto ao impulso de saber [*Wissstrieb*] (...) ele é, no fundo, um rebento sublimado, elevado ao plano intelectual, do instinto de apoderamento”¹⁴.

A formulação lembra Nietzsche, que faz derivar a toda forma de conhecimento, bem como a “vontade de verdade” dos sábios, à vontade de poder:

Chamais “vontade de verdade”, ó mais sábios entre todos, aquilo que vos impele e inflama? Vontade de tornar pensável tudo o que existe: assim chamo eu à vossa vontade! Tudo o que existe quereis primeiramente fazer pensável: pois duvidais, com justa desconfiança, de que já seja pensável. Mas deve se adequar e se dobrar a vós! Assim quer vossa vontade. Liso deve se tornar, e submisso ao espírito, como seu espelho e reflexo. Esta é toda a vossa vontade, ó mais sábios entre todos, uma vontade de poder¹⁵.

A referência a Nietzsche aqui não é gratuita. Nietzsche faz da *vontade de poder* o princípio fundamental da sua filosofia: “Toda força pulsante é vontade de poder, (...) não há

¹¹ FREUD, *Além do princípio de prazer*, p. 49.

¹² LAPLANCHE; PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 398.

¹³ FREUD, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, p. 101.

¹⁴ FREUD, *Predisposição à neurose obsessiva*, pp. 255-256.

¹⁵ NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, p. 132.

nenhuma força física, dinâmica ou psíquica além daquela”¹⁶. Sua tese estará no cerne da controvérsia entre Freud e Alfred Adler no início dos anos 10. Como nos mostra Assoun, “Adler é o primeiro a declarar resolutamente: ‘De todos os filósofos importantes que nos legaram alguma coisa, Nietzsche é o mais próximo de nossa maneira de pensar’”, chegando a colocá-lo “numa linha que vai de Schopenhauer a Freud”¹⁷.

Inspirado na vontade de poder (*Willen zur Macht*) nietzschiana, Adler faz do *desejo de poder* (*Machtstreben*) um impulso fundamental da mente do indivíduo.

No grande debate de fevereiro de 1911, que deveria culminar no rompimento, a "vontade de poder" nietzschiana é oposta à libido freudiana numa alternativa polêmica, na ocasião mesma em que o movimento analítico se confrontava mais intensivamente com Nietzsche¹⁸.

Esse início dos anos 10 marca o esforço de Freud para sustentar a tese da origem sexual dos processos psíquicos, contra os que contestam esse domínio, apostando em pulsões mais fundamentais que as sexuais. É o caso de Adler, com quem romperá em 1911, e Jung, com quem o ainda mais doloroso rompimento se dará em 1914.

O uso do *desejo de poder* em Adler é bastante peculiar e claramente estranho tanto ao espírito nietzschiano quanto ao freudiano. Embora seja uma das duas “grandes tendências” que “dominam todos os fenômenos psíquicos”¹⁹, o desejo de poder é “o maior mal da nossa civilização”²⁰. Produz “complexos de inferioridade” e esforços de compensação nocivos e, por isso, têm de ser domado e regido pela outra grande tendência da vida psíquica: o “senso social”²¹.

Tanto para Nietzsche quanto para Freud, pulsões fundamentais como a vontade de poder e Eros e Tânatos operam “além de bem e de mal”, podendo produzir as mais sublimes obras como os maiores espetáculos de violência e destruição – nem Nietzsche nem Freud, aliás, traçariam uma fronteira rígida entre essas duas possibilidades, sempre nos convidando a lembrar “quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as ‘coisas boas!’”²² e o quanto de prazer e satisfação pulsional há nos processos de violência e destruição. Talvez por isso mesmo, ambos insistam em mostrar o quanto o “senso social” encarecido por Adler é apenas mais uma forma – e uma das mais intensas – do “desejo de poder” de instituições dominantes que, aprisionando as pulsões mais básicas na “camisa-de-força-social”²³ da moralidade e seus recalques, engendra mil e uma maneiras de “autotortura psíquica” e produz nosso incurável “mal-estar na civilização”.

Como nos conta Kristin White, desde antes do rompimento com Adler, Freud evita utilizar termos que possam aproximar a psicanálise das teorias do rival. Em 1920, quando a *Bemächtigungstrieb* aparece num papel de destaque – ainda assim não suficientemente explorado e desenvolvido – Freud evita utilizar a expressão “*Machttrieb*”, pulsão de poder,

¹⁶ NIETZSCHE, *A vontade de poder*, § 688.

¹⁷ ASSOUN, *Freud e Nietzsche*, p. 18.

¹⁸ ASSOUN, *Freud e Nietzsche*, p. 22.

¹⁹ ADLER, *A ciência da natureza humana*, p. 123.

²⁰ ADLER, *A ciência da natureza humana*, p. 81.

²¹ ADLER, *A ciência da natureza humana*, p. 123.

²² NIETZSCHE, *A genealogia da moral*, II, § 3.

²³ NIETZSCHE, *A genealogia da moral*, II, § 2.

que para a autora seria mais próxima do sentido que Freud parece querer expressar. Ele prefere um inusual sinônimo: *Bemächtigungstrieb*. Segundo Kristin White,

Quando quer que Freud utilizasse a palavra “poder” ou “pulsão agressiva” ao longo de toda a sua vida, ele provavelmente tinha Adler em mente. (Isso foi também apontado por Handlbauer em seu livro sobre a controvérsia Adler-Freud). Me parece que as discussões anteriores entre Freud e Adler foram tão acaloradas e significativas que todas as referências a “poder” e “pulsão de poder” o teriam lembrado dessas controversas contendas²⁴.

Talvez por isso mesmo, em *Além do Princípio de Prazer*, quando muitas idas e vindas tentam estabelecer afinal *quem tem o poder* no nível mais fundamental do aparelho psíquico – se o princípio de prazer, as pulsões de autoconservação, as pulsões sexuais, as pulsões de vida ou a pulsão de morte – a pulsão de poder não cessa de se insinuar como pulsão mais fundamental que o princípio de prazer, as pulsões de vida e a pulsão de morte, comandando mesmo a disputa de cada uma dessas forças pela supremacia metapsicológica, como aponta Derrida no quarto capítulo do seu *Cartão postal de Sócrates a Freud*²⁵.

O poder, novamente

A mais didática definição do conceito de *pulsão* se encontra no escrito metapsicológico *As pulsões e suas vicissitudes* (ou os instintos e seus destinos, a depender da tradução). Neste texto Freud apresenta as características fundamentais de uma pulsão: 1. As pulsões são um estímulo interno. Leia-se: inescapável. Delas não se pode fugir pelos mesmos meios com os quais procuramos escapar de estímulos externos desagradáveis. 2. As pulsões impactam o psiquismo com uma *força constante*. Isso é importante para a teoria psicanalítica pois significa que um recalque (uma força repressiva) não elimina o estímulo pulsional, nem faz com que se aquiete. Fantasias pulsionais recalçadas seguirão pressionando o aparelho psíquico com uma força constante e exigirão caminhos alternativos de expressão (como por exemplo no sonho, no chiste, no ato falho e no sintoma neurótico). 3. A única meta das pulsões é sua própria satisfação. Isso significa que não há no aparelho psíquico nenhuma marcação moral de saída, nenhuma predileção *a priori* por algum ideal social de “bem” ou de “verdade”. As pulsões não trazem inscritas em si nenhuma consideração a priori com o bem-estar alheio ou mesmo com o do próprio corpo que animam. Buscam apenas satisfação. 4. Os objetos através dos quais as pulsões buscam se satisfazer são infinitamente variáveis. Isso significa que os “conteúdos” aos quais as pulsões se ligam não vem “de fábrica” nem precisam permanecer os mesmos ao longo de toda a vida²⁶.

Partindo dessa base freudiana, o psicanalista MD Magno toma a pulsão como conceito fundamental da NovaMente, sua teoria psicanalítica – numa vasta obra produzida ao longo das últimas quatro décadas. Para Magno há uma única Pulsão que co-move não apenas o mundo orgânico – como a pulsão de morte de Freud – mas o Haver por inteiro,

²⁴ WHITE, “Notes on Bemächtigungstrieb and Strachey’s translation as ‘instinct for mastery’”.

²⁵ DERRIDA, *Cartão postal de Sócrates a Freud*, pp. 450-453.

²⁶ FREUD, *Os instintos e seus destinos*, pp. 40-43.

tudo que há. Como força constante que co-move o Haver e o aparelho psíquico, a Pulsão quer unicamente a própria satisfação, o gozo absoluto. Para uma pulsão, gozo absoluto significa aquele misto de prazer e morte que Freud chamou, tomando emprestada uma expressão de Barbara Low, de *Princípio de Nirvana*. Por isso, a Pulsão fundamental do Haver deseja não-Haver, converter-se inteiramente em gozo e simplesmente sumir, desaparecer. Porém, o não-Haver não há. Logo, a Pulsão está eternamente condenada a ser desejo de Impossível. A Pulsão deseja o Impossível Absoluto, o não-Haver, o que não-Há.

Com tal formulação, Magno nos permite pensar a pulsão da maneira mais ampla possível. Como força cosmológica que co-move o Haver por inteiro (enquanto se move em direção à satisfação absoluta desejada, a pulsão move tudo o que há, daí a co-moção geral), a pulsão não se restringe aos circuitos pulsionais pensados por Freud em torno das zonas erógenas – oral, anal, genital – nas suas formulações da primeira década do século XX²⁷. Nem mesmo se restringe ao movimento dos seres orgânicos desejantes de retornar à quietude do mundo inorgânico (a definição Freudiana de Pulsão de Morte, surgida em 1920)²⁸. E também não se deixa capturar pelos binarismos freudianos – sempre apontados pelo próprio Freud como problemáticos – do tipo “pulsões sexuais x pulsões de auto-conservação” ou “pulsões de vida x pulsões de morte”. Pulsão seria simplesmente Haver-desejo-de-não-Haver. Princípio cosmológico replicado em nível local pela mente humana.

A formulação de Magno ganha também abrangência em relação a seu mestre Lacan. Este, como sabemos, é um dos descendentes e operadores da chamada “virada linguística”, o que fica evidente em sua concepção do movimento pulsional. Para Lacan, justamente devido àquela condição prematura em que chegamos ao mundo, o movimento pulsional ou, em seus termos, o *desejo* é próprio de seres falantes, seres que, ao serem sequestrados pela dimensão da linguagem e da proliferação significante, têm de lidar com um não saber fundamental: não saber o que ser, o que querer ou como agir. Como bem explica Jacques-Alain Miller:

O desejo é em primeiro lugar o efeito da estrutura da linguagem. O desejo só é concebível entre os seres falantes. Podemos explicá-lo assim: na espécie humana, o filhote não pode satisfazer sozinho suas necessidades mais elementares, ele deve passar por um Outro, com letra maiúscula, capaz de satisfazê-las e, para tanto, deve falar sua linguagem, endereçar-lhe uma demanda. Tudo decorre disso. Esse apelo faz do Outro um objeto de amor. Simultaneamente, a transposição da necessidade em demanda produz uma decalagem: é aqui que se aloja o desejo. Ele corre sob tudo o que você diz, inclusive nos seus sonhos, sem poder ser dito às claras. Por essa razão, ele dá matéria à interpretação²⁹.

Assim, de certa forma, segundo a lente da psicanálise lacaniana, o desejo é sempre movido por uma *falta* fundamental. É porque falta ao indivíduo dessa espécie intrinsecamente prematura uma programação biológica fechada que dê conta de determinar com precisão e segurança seu comportamento “adequado”, que ele é lançado numa busca sem fim por

²⁷ FREUD, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, pp. 107-112.

²⁸ FREUD, *Além do princípio do prazer*, p. 170.

²⁹ MILLER, “Lacan, professor de desejo”, p. 2.

objetos de desejo artificialmente forjados pelas redes de significação que compõem seu mundo e sua existência. Essa falta fundamental é impossível de remediar. Por isso mesmo, ela fará proliferar em torno dela significações simbólicas que prometem a completude, a definição, a satisfação, promovendo os diversos regimes de identificação e diferenciação que colorem a estadia da espécie humana no planeta.

Já na leitura de MD Magno, a pulsão é muito mais abrangente do que na psicanálise lacaniana. Aqui a Pulsão já não se restringe à dimensão da linguagem, mas ganha o estatuto de força cosmológica que move o Haver por inteiro. Além do mais, nada “falta” à Pulsão, pois nada “falta” ao Haver. Pulsão é o movimento excessivo do Haver na requisição alucinatória de um “além” que não-há. Por sua própria estrutura, a Pulsão é intrinsecamente alucinatória. Afinal, o não-Haver, o supremo objeto de desejo da Pulsão, não-Há. “O não-Haver é uma alucinação”, ou melhor, “o não-Haver é A alucinação do Haver”³⁰:

fora do impulso alucinatório, que costumamos chamar de Pulsão, não é possível pensar uma economia psíquica ou qualquer outra. Começa-se daí e isto já é o bastante para entender nossa loucura, nosso corre-corre atrás do quê? De uma alucinação, que, no entanto, não vai sossegar só porque queremos. A alucinação está lá como (e na) estrutura: a estrutura alucina, empurra, empuxa, impulsiona nesse sentido³¹.

Indo ao limite, lá nesse lugar entre Haver e não-Haver, a Pulsão *projeta* alucinatoriamente imagens de satisfação absoluta em torno das quais vidas individuais e até sociedades inteiras passam a se estruturar.

no movimento em que queremos vetorialmente alcançar o não-Haver, o que há entre Haver e não-Haver? O que acontece aí? Quando fazemos um esforço muito grande de aproximar o transcendente que não há, exasperamos todas as nossas condições. Pedimos por algo que esteja completamente fora e que possa reorganizar todas as nossas dores, prazeres, sabores, i.e., reorganizar e justificar o próprio empuxo da transcendência³².

“Nesse lugar de exasperação”, alucinatoriamente, “colocamos um papel, uma cara, uma máscara, uma persona”³³.

Magno chama esse lugar de exasperação entre Haver e não-Haver, bem como as máscaras e personas que lá são projetadas de *Gnoma*. Mas não é qualquer máscara ou persona que cabe nesse lugar. Ou melhor, talvez qualquer máscara ou persona caiba nesse lugar, desde que esteja investida com um atributo especial, desde que lhe seja atribuído o *poder absoluto*. Em 2002 após uma longa e bela descrição da posição que a Deusa Atena ocupava na capital cultural da Grécia Antiga, Magno pergunta: “Pelo que se roga nas orações à grande Deusa na Grécia?”. E ele mesmo responde: “Por poder, em todos os sentidos: cura para a saúde,

³⁰ MAGNO, *Clavis Universalis*, pp. 131-132.

³¹ MAGNO, *Economia Fundamental*, p. 10.

³² MAGNO, *A psicanálise, NovaMente*, p. 47.

³³ MAGNO, *Economia Fundamental*, p. 110.

bons resultados na organização da cidade, nas plantações, na consecução do dinheiro, etc. Roga-se à Deusa por algum Poder”³⁴.

Isso serve de exemplo para pensarmos com um pouco mais de clareza o que se põe em qualquer circunstância, em qualquer cultura, em qualquer sociedade, em qualquer Estado, em qualquer agrupamento humano, ou para qualquer indivíduo, no lugar do Gnoma, da exasperação entre Haver e não-Haver. Lugar que, de longa data, tenho apontado que é onde se inscreve Deus ou Deuses, ou qualquer coisa, mesmo atéia, que tenha a mesma aparência e a mesma força. O que se inscreve nesse lugar? Sempre e indefectivelmente é o Poder: *Pater onipotens Deus*, no caso da tradição cristã³⁵.

Reencontramos aqui, novamente, como pulsão fundamental uma pulsão de poder absoluto.

Projeções de poder absoluto

O lugar de exasperação entre Haver e não-Haver é o lugar por excelência da explicitação daquele conflito fundamental que encontramos na base do aparelho psíquico segundo a descrição de Freud: o conflito entre o mais profundo desamparo, diante do fato de que o não-Haver desejado não há, é absolutamente impossível, e a mais intensa fantasia de onipotência que projeta alucinatoriamente nesse lugar do Gnoma algum *poder absoluto* capaz de manter viva a chama do desejo.

Nos colocamos em condições a partir daqui de reler o périplo dos investimentos libidinais descritos por Freud em termos de fantasias e projeções de poder absoluto. Sabemos que a primeira infância das nossas vidas é marcada pelo que Freud chama de “narcisismo primário”. Fase caracterizada pelo puro Eu-princípio-de-prazer que ainda não faz distinção entre Eu e mundo ou Eu e objetos, vive imerso na mais plena megalomania embalada pela fantasia fundamental de onipotência manifesta na “onipotência de pensamentos”.

Conforme as frustrações vão se impondo às fantasias de onipotência do narcisismo primário, vai se clivando uma diferença entre um Eu-desejo e os objetos do mundo. Aquela sensação de simbiose com os primeiros cuidadores é quebrada e um Eu-desejo começa a perceber seus primeiros cuidadores como objetos de satisfação separados dele – isso que Freud chamará de “objetos sexuais”. Como nos lembra Freud, “as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança” tornam-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui”³⁶. A partir daí, a narrativa freudiana do “complexo de Édipo” nos é conhecida. Logo o pai-onipotente, aquele que possui o objeto supremo de desejo da criança, figura como um rival infinitamente mais poderoso. É então que o pai será tomado como modelo ideal para o próprio Eu, ou como novo objeto de desejo em lugar da mãe. Como diz Freud, “é fácil exprimir numa fórmula a diferença entre essa identificação com o

³⁴ MAGNO, *Psicanálise: Arreligião*, p. 204.

³⁵ MAGNO, *Psicanálise: Arreligião*, p. 206.

³⁶ FREUD, *Introdução ao Narcisismo*, p. 22.

pai e a escolha do pai como objeto. No primeiro caso o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, o que se gostaria de *ter*³⁷.

Nesse ponto, a narrativa freudiana sobre “pais”, “mães”, os papéis sociais que tendem a assumir na Europa burguesa do princípio do século XX, bem como as explicações que ele procura para os supostos “desvios” do padrão heteronormativo, estão certamente datadas. No entanto, abstraindo-se os conteúdos, podemos talvez preservar algo de sua lógica fundamental: desde o princípio da vida, o aparelho psíquico está imerso numa fantasia de onipotência. Conforme toda uma pedagogia da frustração vai indicando que não basta imaginar para realizar um desejo, vai se talhando uma ferida narcísica que mostra a cada um de nós que não somos, na verdade, onipotentes. É então que aquele conflito fundamental entre nossa situação real de desamparo e nossa fantasia primordial de onipotência engendrará projeções da nossa própria fantasia de onipotência para o exterior. As primeiras “telas” nas quais se fará essa projeção serão certamente aqueles indivíduos mais vividos da espécie que terão se encarregado dos nossos indispensáveis primeiros cuidados. Eles – seja qual for seu sexo ou gênero, sozinhos, em dupla ou em grupos – constituirão para nós as primeiras fontes de afecções corporais prazerosas, bem como de satisfação das nossas necessidades mais básicas. Mas serão também eles que, com seus afastamentos – mesmo os mais que justificados –, suas imposições de limites e ensinamentos nem sempre transmitidos da maneira mais branda, inscreverão em nosso aparelho psíquico toda uma economia do desprazer com experiências registradas como abandono, imposição de força e malquerer. Por isso nossa relação com eles será sempre marcada pela “ambivalência” do “amódio” (*hainamoration*), isto é: “eu-te-amo-eu-te-odeio”.

Essas figuras, tanto pelo lado do cuidado, da proteção e do provimento, quanto pelo lado da autoridade que diz “Não” e impõe limites, ocuparão para cada um de nós o lugar do “poder absoluto”. Serão as primeiras “telas” sobre as quais se projetarão nossas próprias fantasias de onipotência. Está estabelecido então um estratagema psíquico para não ter de se deparar com a quebra da própria onipotência. Um artifício que será repetido muitas vezes depois: *eu não sou onipotente. Mas este outro, que me tem na mais alta conta, que me ama, me protege e cuida de mim, ele sim, ele é onipotente.*

Se tudo correr bem, em algum momento nos daremos conta de que essas primeiras figuras parentais não dispunham nem de todo o poder – e possivelmente nem de todo o amor – que nelas projetamos. Mas, sendo fundamental, a fantasia de onipotência não é simplesmente quebrada, mesmo com todas as rachaduras que as frustrações lhe impõem. Depois dos primeiros cuidadores, essa projeção da fantasia de onipotência encontrará ainda muitos alvos: os mestres intelectuais, os ídolos artísticos, os amantes, os líderes religiosos, as divindades e os líderes políticos. Através da mediação de todos eles se construirá um “ideal do Eu”:

a incitação a formar o ideal do Eu (...) partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública)³⁸.

³⁷ FREUD, *Psicologia das massas e análise do Eu*, p. 48.

³⁸ FREUD, *Introdução ao Narcisismo*, p. 29.

Num jogo de espelhamentos, a fantasia de onipotência projetada em outros retorna dando origem a uma nova projeção: a projeção de um “eu ideal” que de maneira algo tirânica exigirá que se corresponda a ele, e despejará sobre cada um de nós as mais duras recriminações e julgamentos. Esse “ideal do eu” será a nova tela – ou espelho d’água? – sobre a qual se projetará o a fantasia primordial de onipotência:

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal³⁹.

No nível fundamental é indiferente se a ênfase da fantasia recairá sobre o “ser” ou o “ter” o poder absoluto, naquele processo que Freud chama de “escolha objetal”. Só é absolutamente poderoso quem *tem* o poder absoluto. Só *tem* o poder absoluto quem é absolutamente poderoso. Se se procura alguém que nos pareça desamparado e para quem possamos fazer valer nossas fantasias de onipotência ocupando o lugar do que cuida, protege e provê, ou se se procura alguém que possa cuidar de nós, nos proteger e providenciar a satisfação dos nossos desejos e necessidades. Num caso a fantasia é de “ser” o poder absoluto que o outro deseja “ter”, no outro caso é a de “ter” o poder absoluto que o outro supostamente “é”. De toda maneira, a projeção de poder absoluto em qualquer outro tem sempre um fundo narcísico e vem apenas reforçar nossa fantasia fundamental – irremediavelmente fadada ao fracasso, aliás – de que, direta ou indiretamente, é possível gozar a onipotência.

Considerações finais: fundamentos psíquicos do autoritarismo político

Com isso nos colocamos em condições de compreender o inquietante fenômeno do autoritarismo político contemporâneo.

Por que tantas pessoas se curvam a líderes autoritários? Na contemporaneidade a questão ganha contornos dramáticos, ou trágicos, visto que os líderes em questão pouco parecem ter a oferecer em termos de resultados materiais reais. Não apresentam, além do mais, aquelas características mais comuns em líderes políticos do passado: não são os melhores oradores, não se destacaram na liderança de campanhas militares vitoriosas, não dão nenhum indício de desfrutar de uma inteligência acima da média, não são sacerdotes devotados e certamente não são exemplos de nenhuma perfeição moral. E, no entanto, mesmo assim, construiu-se em torno deles uma idolatria como poucas vezes se terá visto na

³⁹ FREUD, *Introdução ao Narcisismo*, p. 28.

história. A coisa chega a tal ponto que mesmo durante a pandemia mundial de 2020, grupos inteiros de seguidores se entregam voluntariamente à morte, trocando vacinas cientificamente funcionais por coquetéis de remédios absolutamente ineficazes, ou pela mera proteção divina, a fim de não contrariar as convicções manifestadas por seus líderes.

Certamente, com as ferramentas conceituais tradicionais do ocidente – que têm na razão e na consciência suas bases fundamentais – nada conseguimos compreender desse estranho fenômeno. Não é de imaginar que seres predominantemente racionais e conscientes sempre bem-dispostos para a cooperação e o diálogo e empenhados em processos de ascensão moral se tornassem tão cegos apoiadores dos mais terríveis “mitos” políticos. Mas com a tese de uma pulsão inconsciente de poder absoluto sustentada por – e sustentadora de – uma fantasia fundamental de onipotência que, pelo artifício da projeção é capaz de se manter ativa pela vida inteira, tudo fica bastante claro.

Percebemos tal prodígio como significando que o indivíduo renuncia ao seu ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder. (...) Em muitos indivíduos a separação entre Eu e ideal do Eu não progrediu bastante, os dois ainda coincidem facilmente, o Eu conserva amiúde a anterior autocomplacência narcísica. A escolha do líder é bem facilitada por esta circunstância. Com frequência ele necessita apenas possuir de modo particularmente puro e marcante os atributos típicos desses indivíduos e dar a impressão de enorme força e liberdade libidinal; então vai ao seu encontro a necessidade de um forte chefe supremo, dotando-o de um poder tal que ele normalmente não poderia reivindicar⁴⁰.

Trata-se da projeção da fantasia fundamental de poder absoluto sobre o líder. Aquele que, por possuir características amplificadas do meu eu ideal, torna-se alvo da projeção da fantasia de onipotência. Agora ele, esse líder supremo, por ser supostamente onipotente, pode satisfazer todos os meus desejos, me livrar de todos os meus inimigos, aplacar todas as minhas inquietações, desde que eu me submeto inteiramente a ele. Assim, através do mecanismo da projeção chegamos, enfim, a compreender em que medida a mais cega submissão a um líder pode ser o combustível para manter acesa a chama da própria fantasia de onipotência. Toda projeção de onipotência acaba adiando uma vez mais o inescapável reencontro com a nossa condição real de desamparo. No entanto, mais cedo ou mais tarde, ele vem.

Referências bibliográficas

ADLER, A. *A ciência da natureza humana*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957.

ASSOUN, P-L. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DERRIDA, J. *Cartão postal de Sócrates a Freud*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

⁴⁰ FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 72.

- FREUD, S. *Inibição, Sintoma e Angústia* (Obras completas, vol. 17). São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão* (Obras completas, vol. 17). São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- FREUD, S. *Introdução ao narcisismo* (Obras completas, vol. 12). São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- FREUD, S. *Os instintos e seus destinos*. (Obras completas, vol. 12). São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Obras completas, vol. 06). São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. (Obras completas, vol. 15). São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- FREUD, S. *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MAGNO, MD. *Clavis Universalis*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007.
- MAGNO, MD. *A psicanálise, novamente: um pensamento para o século II da era freudiana*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004.
- MAGNO, MD. *Economia fundamental: metamorfoses da pulsão*. Rio de Janeiro: Novamente, 2010.
- MAGNO, MD. *Psicanálise: Arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002.
- MILLER, J-A. “Lacan, professor de desejo”. *Revista Opção Lacaniana online*, Ano 4, Número 12, novembro 2013.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- WHITE, K. “Notes on ‘Bemächtigungstrieb’ and Strachey’s translation as ‘instinct for mastery’”, *International Journal of Psychoanalysis*, n. 91, v. 04, 2010, pp. 811-820.